

A Sereia

Edu Café

A SEREIA

FICÇÕES

Copyright © Edu Café

Projeto gráfico Alonso Alvarez

Revisão Angélica Amâncio

Ilustração da capa: Detalhe de “Rochefort’s Escape”, de Edouard Manet.

Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Café, Edu

A Sereia / Edu Café. - São Paulo : Ficções Editora Ltda, 2016.

108p. : 14x21 cm

ISBN 978-85-62226-32-8

1. Ficção brasileira I. Edu, Café. II. Título

12-7690

CDD: 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

2016

Direitos de publicação reservados à

FICÇÕES EDITORA LTDA.

rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3881-4094

www.ficcoes.com.br

editora@ficcoes.com.br

SUMÁRIO

Prefácio, 7
Angélica Amâncio

Oceano

Noite no bar, 23
André, Gabriela, 29
Bater gravado, 33
Gargarejos e escafandros, 35
O brinde, 37
Lubricidade, 43
Orfeu no rastro de Chronos, 45
A despedida, 47

Maresia

Depois que Ludmila, 51
Melanie, 55
Velas, 59
A rotina surrada dos relacionamentos acabados, 69
Fiel, 71

Viração

Noturno, 75
A prova, 79
Amor fati, 81
A falência, 83
Beethoven, 85

Sal

Vou-me embora pro Chifre da África, 89

Basquete, 91

O sorriso, 97

A sobrevivência da sensibilidade , 99

Os óculos, 101

Sobre o autor, 105

PREFÁCIO

Angélica Amâncio

O livro de estreia do escritor Edu Café, *A Sereia*, publicado pela Ficções Editora, é, como sugere o sobrenome do autor, uma xícara de café numa manhã de inverno. Envoltos pela porcelana de um estilo elegante e acurado, os textos trazem o impacto da cafeína sobre um corpo sonolento. Certos contos, como “Melanie” e “O brinde”, carregam a urgência de batimentos cardíacos acelerados, a verborragia, a alta velocidade dos desabafos. Outros, como “Basquete” e “*Amor fati*”, já pela temática, trazem o gosto acre de café puro e extraforte. Há aqueles, porém, que aceitam um ou dois tabletes de açúcar, como “Vou-me embora pro chifre da África” e “*adagio*”, sem que percam de vista a melancolia, que é peça fundamental na articulação de toda a obra.

Os textos têm também a sua versão expressa: “A prova” e “A despedida” não precisam de mais do que o terço de uma página para atingirem com força o paladar

do leitor. Outros, como “Velas” e “A falência”, indicam, pela frequência da pontuação, que devem ser sorvidos em pequenos goles.

A prosa poética de *A Sereia* tem o refinamento de quem desfruta de um café no intervalo da ópera. São recorrentes as alusões à música erudita, ao cinema, à mitologia, como mostra, já pelo título, “Orfeu no rastro de Chronos”. Ao mesmo tempo, seus personagens e suas histórias evocam mais o café no copo lagoinha, que se toma no balcão do boteco, entre um cigarro e outro, curando a ressaca da noite passada em claro.

Com açúcar ou sem. Em grandes ou pequenas quantidades. Servido em porcelana chinesa ou copo de bar. Tanto faz. O importante é que os contos de *A Sereia* sejam saboreados por leitores de fino paladar, que possam, enfim, brindar ao café!

Angélica Amâncio é poeta e doutora em Literatura Comparada e Teoria da Literatura pela UFMG e em História e Semiologia do Texto e da Imagem pela *Université Paris-Diderot Sorbonne Cité*. É autora do livro *Adagio ma non troppo e outras canções sem palavras*.

*Agradeço especialmente a
Felipe Pena, Clarisdina Elias,
Gilberto Café, Clara Murta Café, Rodrigo Café
e Alonso Alvarez.*

*À Angélica,
pela força com que seu texto
impactou a minha escrita.*

Ao meu pai e minha mãe.

*A todos e todas
que amei e amo,
de quem recebi
e recebo amor.*

*Sem eles e elas,
não haveria vida
nem literatura em mim.*

*Onda e amor, onde amor, ando indagando
ao largo vento e à rocha imperativa,
e a tudo me arremesso*

*“O ser e as coisas”
Carlos Drummond*

A SEREIA



Toda a trama de nossas vidas é tecida nas reincidentes, e sempre fracassadas, tentativas de eludir a realidade. A ilusão primordial, substância de todas as outras, nos faz crer que somos imortais. Desde o garoto que, na carona do automóvel veloz e sedento de perigo, abre o vidro e se aventura do lado de fora, impotente para antecipar o violento encontro com a parede do túnel, até o piedoso que, calejado e exaurido, sacrifica seu diluviano suor a um cesto dourado que lhe assegura imóveis no paraíso, é difícil escapar de tão reconfortante engano. Dilacerados pela incompletude e insignificação do real, adentramos a via imaginária, domínio de luzes confusas, oscilantes e coloridas, onde se ouve o canto ininterrupto das sereias prometendo o impossível.

Certa vez, não me lembro exatamente quando, deparei-me com uma dessas fascinantes criaturas. O que a princípio cativou minha atenção foi seu ar distante e perdi-

do, sugerindo uma diferença essencial em relação a tudo o que a rodeava. Encontrei-a sentada no rochedo, com o olhar vagamente direcionado ao oceano soberanamente impassível e indiferente, cuja superfície o vento suave embalava como a um recém-nascido. Observei-a por um instante que se fazia infinito, sua imagem impactante ferindo meus olhos assombrados, dando-lhes a impressão de que sua alma era imensurável como a extensão daquelas águas, com uma obscura profundidade rica em segredos e estranhas belezas. Um enlevo fugaz bastaria para penetrar o formidável labirinto, em que o homem arrisca perder-se, ansiando um ardiloso objeto que insiste em desaparecer – no momento mesmo em que é encontrado.

Ao notar minha presença, lançou-me um enigmático sorriso, encarando-me fixamente com intensidade hipnótica, esvaziando-me de qualquer pensamento num assalto involuntário. Deleitando-me neste repouso que parecia esquivar-se de todas as injunções temporais, assustei-me quando, num movimento brusco, ela se virou em direção a uma voz que, ao longe, gritava-lhe o nome. Eu não havia me dado conta de que ela poderia ter um nome.

Contemplei então o evanescer tranquilo da sereia, já restituída aos limites de sua frágil humanidade, despedindo-me silenciosamente, enquanto emergia daquele deslumbramento cravado nos recantos do real.

Ondas alvoroçadas dobravam-se sobre as pedras, num trabalho paciente e incansável, e o espetáculo, em sua microcós mica totalidade, exerceu sobre mim uma misteriosa atração. Levantei-me e, fechando os olhos, entreguei-me à grande queda, despojado de tudo, sem saber nem esperar.

OCEANO



NOITE NO BAR

Lembro-me agora da ocasião em que pude captar, em sua voz, uma tonalidade soturna, mescla de medo e angústia, enquanto a ouvia dizer que aqueles haviam sido os melhores dias de sua vida. O que ela afirmava, ansiando pela inconsistência de suas profecias, é que uma felicidade como aquela não poderia ter a longevidade das ideias atemporais.

Mergulhado em reminiscências como essa, dirijome a um velho bar, cujo clima corresponde às nuances emocionais que no momento colorem meus pensamentos. É madrugada e os fregueses conversam suavemente, enquanto, no aparelho de som, o *Kind of Blue* compõe uma atmosfera de sensibilidade e liberação. Sempre venho aqui, em honra de uma amizade com o proprietário da casa, um aficionado pela fluência sutilmente melancólica que certas melodias do jazz emanam. Em nossas conversas, costumamos louvar, também, seu eventual tom bem-humorado, menos agressivo do que a alegria pornográfica e invasiva de outros gêneros musicais.

Em uma das mesas, uma garota de seus vinte e poucos anos, ar introspectivo, entre dois ridículos sujeitos que aparentam haver saído de uma reunião dos idiotas anônimos, não sorri, contrapondo-se à efusividade dos companheiros. Na mesa ao lado, uma mulher, já se preparando para chegar à casa dos trinta, acompanha o namorado no que parece ser uma espécie de lua de mel regada a uísque. Testemunho como dois estados de espírito tão diferentes se expressam na pele de dois seres teoricamente tão semelhantes (*sapiens, sapiens...*), e me pergunto se a jovem taciturna, ainda ontem, estava como a outra, bêbada de gemidos e malícias, em outra mesa, em outro bar.

Não sei em que bar *ela* está agora, tampouco em que mesa. Sei onde estava naquela noite, quando a conheci na fila do cinema – situação que teve sua trivialidade amenizada pelo fato de estarmos ambos sem companhia. Era um desses filmes modernos, de velocidade inebriante, em que os personagens sempre se chocam, por serem absolutamente incapazes de saber a hora de frear. Algumas coisas só podem ser vistas em câmera lenta, e, quando tentamos desligar o *fast-forward*, já é tarde demais, chegamos ao fim do filme e não há como voltar atrás.

Não me lembro quem puxou conversa, tampouco qual foi o tópico escolhido. Mal conseguia prestar atenção no que falávamos, involuntariamente cativado pela

sonoridade de sua voz, palavras encadeadas numa música que seus olhares, pausas e gestos acompanhavam em movimentos envolventes e sedutores. Depois do filme, nos acomodamos em uma mesa de calçada, onde ela se serviu de suas habilidades sutis para lançar um encantamento em todos os meus sentidos. Não sei se foi a maneira como inclinava o rosto por alguns segundos, para, em seguida, volver os olhos na direção dos meus, sem nenhum movimento a mais; se foi sua capacidade de esquecer de tudo além do instante e sorrir, sem necessidade de dizer nada; se foi o perfume inebriante de seus cabelos ou seu jeito de falar que adorava o gosto de cigarro na minha boca. O fato é que vivenciei uma experiência contundente, original, inaudita.

Reuni os meus pertences, que não eram muitos – um livro, uma chave e um mapa rasgado – e me dirigi para uma terra estranha, vaga e úmida de frescor. Fui acolhido como, nos tempos antigos, eram recebidos os viajantes sem destino, nas ocasiões em que se deparavam com locais habitados. Representando o papel do forasteiro astucioso, voltei à errância, como um andarilho sorrateiro, levando comigo a preferida da aldeia.

Pegando carona em nuvens coloridas, flutuamos sobre leitos de flores regados por fontes mágicas, enquanto gnomos à espreita ostentavam sorrisos travessos. Após um

sono pleno de fantasia, despertamos no alto de uma montanha, sem neblina. Deitado, observei-a erguida, absorvida em contemplação solene, seu semblante refletindo como um espelho o grande abismo. Olhou para mim e disse, Para onde agora, para onde agora? Ainda temos asas? Você quer voar comigo, voar até o fim do arco-íris? Lá os abraços duram para sempre, e eu não quero te soltar, não quero te soltar! Enquanto a ouvia, meu coração palpitava, desordenado e oprimido. Levantei-me num segundo e disse, Que importa se nossas asas são de cera? Basta o impulso do nosso ardor, nosso fôlego exacerbado! Vem, se agarra no meu corpo e eu te levo!

Às vezes me pergunto por que o pôr do sol é mais bonito que o meio-dia. Nunca consegui elaborar a respeito um raciocínio coerente, como um homem de visão perfeita tateando um texto em braille. Pensando demais, acabo me distraíndo e perdendo a chance de apreciar o espetáculo, que, apesar de rotineiro, é tão pleno de espanto a cada repetição.

Percebo, ao erguer novamente os olhos, que o casal lua de uísque deixou para trás sua mesa, abandonando mais um capítulo à longa história das complicações humanas. Estarão os dois, num amanhã mais ou menos distante, lembrando nostalgicamente do tempo em que a embriaguez, doce e inocente, bastava como uma amiga fiel.

Vejo um garçom, o único que restou, erguer as cadeiras e apoiá-las, invertidas, sobre a mesa. O ambiente não está mais impregnado de melodias, chegou a hora do repouso. Num movimento da cabeça, consinto que encerre minha noite. Abro a porta em direção à madrugada úmida, o asfalto refletindo a luz amarela dos postes, que parece humana aos meus olhos fatigados. Entrego-me à chuva que, delicadamente, desliza em meu rosto como um bálsamo, perfume de rosas e sal para sempre gravado em cada gota desde que a conheci. Vou andando devagar, respirando o ar que momentaneamente me entorpece de tranquilidade, e encontro um banco na grande praça arborizada que chamam de Liberdade, banco que em um tempo distante me foi um refúgio. Contemplo um prédio imponente, de uma época também distante, que me olha como quem diz que um dia chegará ao fim, um dia nada será como antes, tudo morre para que tudo renasça, e mal-educadamente deixo escapar um bocejo, mas me desculpo e digo que estou apenas cansado. Ele me convida a dormir ali, sob sua vigilância, eu cuido de você, pode deixar, e, abrigado por seu semblante enternecido, faço daquele espaço o meu lar.